

Viagens do governo são meio de atrair capitais

**Da sucursal de
BRASÍLIA**

A viagem do ministro da Indústria e do Comércio para a Inglaterra e a Suécia, em busca de novos investimentos estrangeiros no Brasil, e as missões do ministro Ernane Galvães, no Oriente Médio, e do ministro Delfim Netto ao Japão, refletem a preocupação do governo com a drástica redução do ingresso de capitais de risco no País este ano.

Em 21 de janeiro deste ano, quando as autoridades divulgaram a política para o setor externo, aprovada em reunião do Conselho Monetário Nacional, estimaram o ingresso de investimentos estrangeiros em moeda em 2.054 milhões de dólares — 19% acima do valor observado em 1979 e 40% acima do estimado para 1980. O documento divulgado na ocasião justificava esses números com o argumento de que, este ano, estariam em pleno desenvolvimento os projetos de Carajás, Albrás e Alunorte, com aportes de capital estrangeiro.

FRUSTRAÇÃO

Entretanto, segundo dados de registro no Banco Central, em 30 de junho deste ano, o estoque de investimentos e reinvestimentos estrangeiros no País exibia incremento de apenas 4,9% em relação à idêntica

posição em 1980 e apenas 0,1% em comparação com dezembro.

Apesar da natural defasagem entre a entrada de capitais e o registro no Banco Central, os dados apresentados indicam tendência declinante no ingresso de capitais externos de risco no País, motivada, segundo o Banco Central, pela valorização do dólar. No primeiro semestre, ingressaram no País 837 milhões de dólares de investimentos externos, tendo os reinvestimentos somado 330 milhões de dólares. No mesmo período, o estoque global de investimentos e reinvestimentos alcançou 17.495 milhões de dólares.

Mas a frustração desse item do balanço de pagamentos, o que obrigou o governo a tomar mais recursos em forma de empréstimos em moeda de que o inicialmente previsto, justamente para compensar a perda, decorre, fundamentalmente, de dois fatores, segundo interpretações em outras áreas do ministério econômico: em primeiro lugar, a recessão mundial, que desacelerou os investimentos das grandes empresas em todo o mundo, especialmente nos países em desenvolvimento; em segundo lugar, a manutenção, pelo segundo ano consecutivo, de uma taxa inflacionária de 100% no Brasil, erodindo todos os investimentos, antes mesmo da sua maturação, o que tem contribuído para afastar os investidores.